

O Ouv^{ido} de MAXWELL

pare escute sinta



Manifesto

James Clerk Maxwell (1831–1879) Cientista escocês que fez contribuições fundamentais para vários domínios da Física: Óptica, Termodinâmica e Electromagnetismo. É precisamente neste último domínio que mais se distingue, com a formulação das equações que regem o campo electromagnético e detalham a sua natureza ondulatória (1864). É com base nestas equações que se explica a rádio como aplicação do campo electromagnético. Donde ainda que não tenha inventado a rádio, estabeleceu a teoria matemática que a fundamenta. É muito graças ao seu trabalho que temos coisas como a rádio, e que podemos ouvir por via das ondas Hertzianas.

Será que a rádio ainda consegue fascinar? Não terão passado irreversivelmente os anos de ouro da rádio? Com a têvê, com a alta e baixa fidelidade, com a música no Metro e a metro, com os anúncios omnipresentes, com o uso da rádio como um ruído que mata o silêncio, com a rádio para encher o habitáculo do carro enquanto a fila de trânsito avança mais 50 metros em meia hora numa rotina insensata a que se chama vida, com a música descartável servida em doses paquidérmicas e repetida até à náusea, em arranjos feitos com os grandes conglomerados do multimédia, cujo objectivo único é o lucro a todo o preço, com a Internet e o peer-to-peer file sharing.

Curiosamente, ou talvez não, tal como com os livros, que os proverbiais profetas da desgraça previram como rapidamente extintos com a chegada da Internet, e na realidade sites como a Amazon.com ajudam a divulgar de uma forma como talvez só na Renascença com a invenção da Imprensa se terá feito. Também a rádio tem na Internet uma oportunidade para ser diferente. Para se demarcar do ruído generalizado que invade a nossa vida. A Internet e a rádio podem ajudar a melhorar significativamente a relação sinal/ruído da (des)informação e entretenimento que diariamente agride rudemente os nossos sentidos.

A rádio à la carte, i.e., o poder ouvir o que se quer, quando se quer, coisa que a Internet possibilitou, devolveu ao ouvinte o prazer da rádio, tal como nos seus primórdios em que era feita por amadores no melhor sentido do termo — que é o sentido antigo, o que ama o que faz. Quando a rádio era uma partilha do gosto de quem fazia com quem ouvia. Dirão alguns que hoje, com a estrutura de custos que envolve ter uma rádio a emitir com ondas Hertzianas não permite estes devaneios pueris. Que a dura lei do vil metal não se condescende de tais considerandos. Mas isso é repetir o que já tantas vezes sucedeu. A mudança de paradigma nunca é feita por alguém feito dentro de um qualquer universo, seja ele empresarial, artístico, científico, económico, ou qualquer outro. É sempre feito por alguém fora. Alguém que nada tem a perder, e por isso arrisca. E a alternativa, qual é? É o natural estiolar de um meio que, com o actual modelo da típica rádio FM, nada tem para oferecer de novo. Mais, mais, e mais do mesmo. E para quem busca algo de diferente? Para esses há as centenas de rádios na Internet. Com a generalização da banda larga podem-se ouvir rádios especializadas no mais variado tipo de música, sem anúncios, nem inusitados *impromptus* “informativos”. Alguém disse que a melhor maneira de se fracassar é tentar vender algo a toda a gente. A actual rádio generalista tenderá cada vez mais a ser um objecto que progressivamente se vai erodindo, tal como um fresco, em que os pigmentos vão perdendo a sua vivacidade colorística original.

Uma rádio pública, como a Antena 2, está ao abrigo da ditadura da publicidade e por isso pode arriscar mais que uma rádio comercial, em que a estrutura de custos paralisa a mudança. Na Internet são rádios públicas como a BBC ou a Radio France que têm as apostas mais sólidas e auditivamente atraentes na Europa.

Proponho-me fazer um programa que é uma partilha do meu gosto pela Música, pela Literatura, pela Arte com os ouvintes. Um programa que evade as habituais posturas evangelizadoras. A pachorra para escutar tal tipo de arengas é quase nula. Desde os políticos aos publicitários a venderem detergentes, todos

procuram evangelizar. De tanto sermos bombardeados com mensagens de “libertação” fazemos ouvidos moucos a tais pregações.

A Música como algo que faz parte da nossa vida, que está impregnado no nosso DNA, e não como algo a que se atribui o papel de enfeite. Algo a que se dá atenção quando se tem tempo, ou quando se quer fazer algo de diferente. A Música em particular, e a Arte em geral, só cumprem a sua função quando mudam a nossa vida, quando nos permite aceder ao que está no núcleo do nosso ser. O resto é distração.

Assumidamente a relação que se assume com o ouvinte é de uma hora de puro encantamento, de uma indução hipnótica, uma hora em que o ouvinte é transportado para um tempo e local indefinido, em que a música e o texto forma um continuum que o submerge. Eis alguns dos temas agendados para os primeiros programas:

1. Os ouvidos não têm pálpebras – a música hoje ainda importa?
2. “Che Chosa è quest’Amor” – amor
3. “La commedia è finita” – morte
4. “Rindo se diz o que é severo” – humor
5. “Escura, escura é a noite” – música para ambientes escuros
6. “No início era a palavra” – religião
7. “O trágico mede a nossa força” – tragédia
8. “Ideal, o que é isso?” – idealismo
9. “Primavera, juventude do ano” – exaltação da vida